

O TRABALHO E AS DORES DO TRABALHO EM FRANCA (1970-1990).

Marcelo Luiz Pereira – Moacir Gigante – História – História – Departamento de história
– Faculdade de História Direito e Serviço Social – Campus Franca

O presente estudo divide-se em dois planos, basicamente. No plano geral, pretende-se analisar os processos de transformação do capitalismo global ao longo do século XX, tomando como realidade empírica o caso do pólo industrial produtor de calçados masculinos da cidade de Franca – SP. Procuramos acompanhar o desenvolvimento desta indústria e entender quais as suas conseqüências para os trabalhadores submetidos aos processos de manipulação de tempo de trabalho característicos do capitalismo. No plano específico, pretende-se analisar a transmissão da memória do trabalho como um elemento de resistência por parte do trabalhador. Para isso, utilizamos a transcrição de conversas gravadas com trabalhadoras da indústria calçadista de Franca. A pedra de toque é a memória do trabalho de costureiras manuais residentes em bairros periféricos da cidade. A análise da memória empreendida leva em conta, sobretudo, a discussão entre história oral e psicologia social.

O que aconteceu de realmente novo no mundo capitalista, no início do século XX, foi o casamento da técnica e da ciência aplicados ao processo de produção. Ele possibilitou uma intensa racionalização dos processos produtivos, fazendo com que empresários do mundo todo tivessem este objetivo: encontrar uma maneira de racionalizar o tempo de trabalho de seus operários para poder melhor produzir e acumular.

Taylor é um dos arautos deste novo mundo. Sua tarefa foi demonstrar aos capitalistas como poderiam proceder metodicamente ao controlar o tempo de trabalho dos trabalhadores no processo de produção. Os princípios de administração científica do trabalho de Taylor se baseiam em longos anos de estudo dedicados a medições de tempo de trabalho realizadas com um cronômetro: quanto menos autonomia fosse dada a cada trabalhador, melhor seria o ganho em produtividade.

O que os capitalistas estavam aprendendo na teoria foi colocado em prática por outro arauto dessa nova ordem. Ford, primeiro, introduziu em suas fábricas as “infames medições de tempo de Taylor”; depois, conciliou a isso o emprego de uma nova forma de fragmentação e controle do tempo de trabalho. Com efeito, a esteira será um “método aperfeiçoado para extrair dos trabalhadores o máximo de trabalho num tempo determinado” (WEIL, 1979, p.120).

Mas as inovações de Ford não se limitavam aos muros de suas fábricas. Ele transformou o automóvel em um produto, barato e necessário, para que todos pudessem consumi-lo. O novo projeto social era intrínseco à nova maneira de produzir: se todas as indústrias produzissem seguindo os novos métodos de racionalização, haveria muito mais riqueza – quantidade de bens produzidos –, cujo benefício se repercutiria para todos os indivíduos da sociedade. A grande “revolução” de Ford, portanto, foi lançar as bases para a formação de um novo tipo de sociedade, baseada essencialmente nos métodos de racionalização da produção que se consolidaram no início do século. Ele demonstrou aos empresários de então como poderia ser desenvolvido um novo quadro de relações sociais em que capitalistas e trabalhadores pudessem conviver bem de perto, um ao lado do outro. É a este tipo específico de sociedade que chamamos fordismo.

A partir dos Estados Unidos, o fordismo se disseminou por todo o globo. Não demorou muito e empresários de diferentes lugares do mundo desejavam para si os ideais de Ford. O processo foi lento; contudo, em 1945, os problemas que impediam a disseminação do fordismo já estavam parcialmente resolvidos. Isso levou este regime de acumulação à maturidade.

Entre o pós-guerra e os anos 70, a ordem burocrática se estabeleceu: sindicatos fortes, garantias do Estado assistencialista e grandes empresas combinaram-se e produziram uma era de relativa estabilidade. Mas o fordismo não duraria para sempre, as contradições eram intrínsecas ao próprio processo de expansão deste regime de acumulação se evidenciariam a partir dos anos 60. À época, o mundo capitalista estava se transformando, a competição internacional se intensificava à medida que a Europa Ocidental e o Japão, seguidos por toda uma gama de países recém industrializados, desafiavam a hegemonia estadunidense no âmbito do fordismo. Este se agravará com a crise do petróleo nos anos 70.

Os capitalistas não conseguiam manobrar os capitais em meio aos compromissos fordistas. Tiveram que lançar mão, então, de novas práticas de manipulação do tempo de trabalho. Flexibilização é o nome que se dá à nova política empregada pelos capitalistas para sair da crise. Surgia, assim, uma nova forma de produzir e organizar a sociedade marcada por um confronto direto com os princípios de desenvolvimento fordista. Produção fragmentada e especializada, aumento da velocidade de produção e de consumo de produtos: eis as chaves que os capitalistas encontraram.

No capitalismo flexível, em lugares onde predominam modernas economias, as inovações são postas em prática com o máximo de emprego de tecnologia no processo de produção. Porém, em lugares caracterizados por um relativo atraso tecnológico, ou em ramos industriais onde o emprego de trabalho vivo é intensivo devido às especificidades do produto, as mudanças são empreendidas de um modo mais perverso: nesse caso é na precarização das relações trabalhistas que incidem os capitalistas quando querem realizar sua reestruturação de tempo de trabalho para sair da crise. De maneira geral, o que ocorre nestes lugares é a redução do emprego regular em favor do crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado. Muitos dos direitos sociais adquiridos através de lutas são flexibilizados: o seguro desemprego, as férias, o décimo terceiro salário, os direitos de pensão, enfim, todos os seguros devem ser burlados ou eliminados das contas das empresas nessa nova ordem.

Em Franca, as atividades ligadas ao couro já vinham se desenvolvendo ao longo do período colonial. Mas é só na segunda metade do século XIX, quando a cidade se liga ao complexo cafeeiro, que aquelas antigas atividades artesanais se inserem num ambiente novo, onde ações de caráter capitalistas propriamente ditas podem se desenvolver.

No início do século XX este novo quadro de relações permitiu que o proprietário da “Calçados Jaguar” inaugurasse a moderna fabricação de sapatos em Franca. Em 1921, a Jaguar se torna uma fábrica mecanizada com o emprego relativo de trabalhadores industriais. Mas o antigo saber fazer artesanal não se extinguirá, ele continuará convivendo com a nova fase mecanizada e será fundamental para a consolidação da indústria calçadista de Franca. E é exatamente porque mantém fortes características artesanais e manufatureiras que esta indústria será marcada por uma contradição fundamental: o baixo nível tecnológico associado ao largo emprego de trabalho vivo no processo de produção.

A Jaguar fale em 1926. Uma década depois, a indústria calçadista começa a esboçar os contornos de um pólo industrial produtor de calçados, situado no interior do Estado de São Paulo. Muitos elementos favoreceram o desenvolvimento da indústria Calçadista nos anos 30. Contudo, a presença do capital norte-americano merece destaque.

A empresa norte-americana United Shoe Machinery Company (USMC), fornecedora de equipamentos para a indústria de calçados, foi autorizada a se estabelecer no país em 1908, mas iniciará suas operações somente em 1918. Em 1936, a “Calçados Mello” aceita a proposta de arrendamento de maquinário fornecido pela empresa norte americana. A partir daí a USMC será o principal vetor de implantação dos ideais de desenvolvimento capitalista em Franca. Mas a influência da USMC não se restringirá ao aluguel de máquinas. Todas as diretrizes de desenvolvimento capitalista vigentes nos Estados Unidos estavam sendo disseminados localmente. Este processo de adaptação e disseminação do fordismo em Franca ficará explícito no seu maior e mais bem sucedido caso: a Calçados Samello.

Em 1947, Miguel Sábio de Mello, proprietário da empresa, e seu filho Wilson Sábio de Mello, fizeram uma viagem de 45 dias aos Estados Unidos com o objetivo de conhecer as instalações da USMC, em Boston, e aprender novas técnicas de produção de calçados. Dois anos depois, mais dois membros da família, Oswaldo Sábio de Mello e Miguel Sábio de Mello Filho, foram para os EUA estudar na Lynn Shoemaking School, instituição mantida pela USMC. A partir daí os métodos de Racionalização da indústria calçadista de Franca avançam. Por volta da década de 1950 o intenso contato dos Sábio de Mello com os cânones fordistas acabam por influenciar sobremaneira as relações de produção na indústria calçadista local. Muitas empresas que surgiam passavam a empregar os preceitos de racionalização que a Samello disseminava. Mas ainda faltava aquela inovação característica da racionalização de Ford. Com efeito, a busca pela intensificação da racionalidade produtiva levou os Sábio de Mello, em 1965, a utilizar esteiras em sua fábrica.

Com os créditos fornecidos pelo governo militar, a indústria calçadista se consolida e inicia as exportações. Do início dos anos 70 a meados dos anos 80, as exportações se consolidam e algumas empresas calçadistas ampliam sua produção e se verticalizam. Aumenta, também, o número de empresas fornecedoras de equipamentos e matérias-primas para a produção de calçados. Franca se transforma num pólo industrial. A cidade cresce com a migração de homens e mulheres que passam a engrossar as fileiras nas fábricas. Surgem instituições como o Senai, responsáveis pela qualificação dos trabalhadores que ingressam no mercado. Esse “bom” momento para os empresários de Franca anuncia a crise que se inicia na segunda metade dos anos 80.

À medida que entramos na década de 90, a crise se intensifica. O plano Brasil novo, do Governo Collor, fará com que a indústria calçadista fique exposta à competição internacional. Independente das variações ascendentes e decrescentes do volume da produção, a indústria calçadista de Franca passará a extinguir cada vez mais postos de trabalho ao longo dos anos 90. E fará isso baseada não na incorporação de maquinário, mas na adoção de estratégias de gerenciamento da produção.

É justamente no momento em que se consolida o esforço de racionalização da produção desta indústria nos anos 70 que a contradição que está na base do seu desenvolvimento começa a se evidenciar. Assim, a tentativa de utilização da esteira no processo de produção do sapato levará os capitalistas de Franca à descoberta empírica daquele elemento que os corpos dos trabalhadores já conheciam há muito tempo.

“O problema está na contradição de uma produção, como a de calçados de couro, que pretende conjugar a elevação do número de pares confeccionados com ganhos crescentes de produtividade, sem dispor de uma base técnica desenvolvida. Ao contrário, essa produção se faz à base da coexistência, numa mesma empresa, de diferentes padrões tecnológicos, das operações manuais aos recentes sistemas computadorizados: algumas operações puderam incorporar avanços técnico-científicos enquanto outras permaneceram ou foram recriadas em bases artesanais”. (NAVARRO, 2006, p. 136)

Assim, a reestruturação em Franca elevará a limites insuportáveis a tensão entre a produtividade das máquinas articulada ao largo emprego de trabalho vivo no processo de produção. Essa tensão sempre se resolverá no corpo do trabalhador: ele será obrigado a acompanhar a produtividade das máquinas dispondo apenas da cadência de seus membros em meio às constantes “novas combinações” de produção empreendida pelos empresários.

Nas grandes indústrias, depois do esforço de racionalização dos anos 50, 60, 70, a seção de costura manual se tornou um espaço mobiliado com banquinhos no interior da fábrica, onde mulheres, principalmente, realizavam os diferentes tipos de costura feita à mão. O processo de transferência da costura manual para fora da fábrica não será generalizado num primeiro momento. No início dos anos 70, as costuradeiras mantiveram uma relação estreita com a indústria onde trabalhavam, conservando em alguns casos o vínculo empregatício. No final desta década, porém, já podemos ver aquela cena típica das ruas dos bairros afastados do centro da cidade de Franca: mulheres de um lado e de outro, costurando sapatos para as fábricas da cidade.

Neste estudo, pretendemos demonstrar como as práticas de reestruturação produtiva não são aceitas passivamente por parte dos trabalhadores. Com efeito, a maneira como cada indivíduo reconstrói sua experiência está intimamente ligada às relações sociais mais amplas. Assim, a narração das lembranças das dores do trabalho, presentes nos corpos de cada trabalhador submetido aos processos de reestruturação do capital, permite interpretar a memória como um lugar do conflito social.

Quando a gente encarca, assim, a agulha passa de um lado e vai pro outro. Vai direto no dedo. Arranha tudo a cabeça dos dedos, queima. Olha o coró da minha mão: é tudo lascado. Olha como são meus dedos, todo estancado de tanto trabalhar com o sapato. Entorta o dedo, dói, machuca. Isso dói, queima. De noite, quando a gente acaba tudinho, que a gente se deita, que bota a mão ali parada, fica chuchando a cabeça dos dedos a

noite todinha. Aquela dorzinha fininha lá dentro assim. E a gente esfrega o dedo sabendo que é ele que está doendo. No outro dia vai continuar a mesma coisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico. (1920-1990).** Araraquara: FCL/UNESP, 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 4ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê editorial, 2003

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996

GIGANTE, Moacir. **A fábrica é escola: práticas sociais e educativas de empresários e trabalhadores.** São Carlos: UFSCAR, 2003

HARVEY. David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2000

NAVARRO, V. L. **Trabalho e trabalhadores do calçado.** São Paulo: Expressão popular, 2006

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequência pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização Ocidental.** 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2001

TOSI. P. G. **Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945).** Franca: Editora Unesp, 2002